

— Você sabe melhor que eu. Esses moços vagos, adadados e sem colhões.

— Sem quê?

— Sem colhões — colhões de homem.

Constance refletiu um momento.

— Mas não se trata disso, disse ela um tanto irritada.

— Diz-se que um homem não tem miolos, quando é estúpido; que não tem coração, quando é vil; que não tem estômago, quando é covarde. E quando não tem a faísca da virilidade, diz-se que não tem colhões. Quando é muito mimado... domesticado.

— Acha que Clifford é muito domesticado?

— Sim. E também muito desagradável, como a maior parte dos da sua tribo quando contrariados.

— E não se considera você muito mimado também?

— Não muito.

De longe viram uma luz amarela.

— Luz? admirou-se Constance.

— Deixo sempre o lampião aceso no "cottage".

Ela continuou a caminhar ao seu lado, sem o tocar e perguntando a si mesma por que estava ali com aquele homem.

Chegaram. Mellors abriu e depois fechou a porta por dentro. Como numa prisão! pensou ela. A chaleira cantava ao fogo e sobre a mesa viam-se as xícaras de chá.

Constance sentou-se na poltrona de pau, junto à mesa. Estava quente ali para quem vinha do frio de fora.

— Vou tirar os sapatos; estão úmidos, disse Constance, sacando-os, e pousou os pés descalços sobre o "fender", enquanto ele ia à despensa buscar coisas de comer — pão, manteiga e língua em conserva. Sentindo-se encalorada, despiu o capote e pendurou-o.

— Quer chocolate, café ou chá? indagou Mellors.

— Estou sem vontade de nada, agradecida. Sirva-se você.

— Também não quero nada. Vou dar comida a Flossie. Mellors andou de cá para lá, preparando um alguidar de comida para a cadela, que o olhava com inquietação.

— Olá, aqui está tua ceia, disse. Inútil assumires esses ares de vítima.

Colocou o alguidar sobre o capacho da escada e sentou-se numa cadeira para tirar as polainas e os sapatos. Em vez de comer, Flossie veio sentar-se-lhe ao lado, com os olhos nele, perturbada.

Mellors sacou fora as polainas. A cadela aproximou-se um pouco mais.

— Que há? Assim incomodada porque entrou outra pessoa aqui? Bem mostras que és mulher! Vai comer tua sopa, anda.

Disse-o com a mão sobre a cabeça do animal e afagou-lhe as longas orelhas sedosas.

— Para lá! Vai comer tua sopa, anda já! ordenou virando a cadeira para o lado do alguidar — e humildemente Flossie lá se foi à ceia.

— Gosta de cães? perguntou Constance.

— Não muito. Acho-os ternos demais.

Já sem perneira, Mellors tirava os sapatos. Constance correu os olhos pelo recinto. Que salinha nuá! Na parede uma horrível fotografia ampliada, representando dois noivos — sem dúvida ele e sua mulher, criatura de expressão atrevida.

— Você e sua mulher?

— Sim. Fotografia tomada antes do casamento, quando eu tinha vinte e um anos.

Mellors olhava para aquilo com ar impassível.

— Gosta desse retrato? perguntou Constance.

— Se gosto? Não, não gostei nunca disso. Ela é quem o quis.

— Se não gosta, por que o conserva aqui? Talvez sua mulher desejasse tê-lo consigo.

Mellors encarou-a, rindo-se.

— Ela levou num caminhão tudo que valia a pena — mas deixou isso.

— Então por que o conserva? Alguma razão sentimental?

— Não. Nem olho para isso nunca. Aí foi posto quando vim para esta casa, aí ficou.

— Por que não o queima?

— Não seria má idéia.